

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 24 de Março de 2010**

*Texto de referência:*

*L. Giussani, É possível viver assim?, Vol. 3. Tenacitas, pp. 32 a 35*

- Canto “My Song is Love Unknown”
- Canto “Balada de caridade”

«A moral é imitar Deus na caridade». E aqui devemos estar muito atentos porque reparei que, já com a última passagem («Perfeitos como o vosso Pai») começa a introduzir-se uma modalidade de conceber a perfeição que não está de acordo com a natureza daquilo que dissemos, porque está sempre à espreita o risco de, a uma certa altura, usarmos as palavras não a partir daquilo que nos diz a Escola de Comunidade, mas daquilo que pensamos nós; se isto acontece com a palavra “perfeição”, imaginem com a palavra “moral” e “imitar”: estamos já perdidos, completamente fora do caminho. Por isso, aconselho, que comecemos a olhar juntos o que é que entendemos por “imitar” ou por “moral”: com certeza, qualquer coisa que devemos procurar fazer, uma imitação de um outro mas sempre qualquer coisa no fundo de extrínseco: copiar o modelo de um outro, ver um outro, procurar fazer como um outro. Agora, com esta imagem, leiamos Giussani que nos diz: «A caridade no seu valor original, que se identifica com o sangue de Deus, com a vida de Deus», e para nos fazer perceber o que quer dizer, cita a frase de um hino «A fonte do ser em Ti está», a fonte do ser, do meu ser em Ti está. Experimentem imaginar o pequeno feto concebido de mãe, tudo provém do corpo da mãe, «de facto, faz parte do corpo da sua mãe, como o nariz da sua mãe faz parte do corpo da sua mãe, como o pulmão da sua mãe faz parte do corpo da sua mãe» procurando chegar por fim aos detalhes, descrevendo cada fibra como parte da sua mãe; «se este pequeno feto pudesse estar consciente disso, sentir-se-ia fluir por completo do organismo da mãe, sangue, nervos... Pensem só que dependência total». Procuremos identificar-nos: que raio de dependência total deveria ser a auto-consciência, a consciência de si! E diz ainda: «O homem deriva de Deus [...] infinitamente mais do que uma criança que nasce das entranhas de sua mãe [reparem como nós estamos longe desta auto-consciência]; e, enquanto é ainda um indício nas entranhas da sua mãe, a sua mãe é tudo, tudo no sentido literal da palavra. Se a criança tivesse consciência de si própria diria: «Tu és tudo para mim». «Assim, se a caridade é [...] o dinamismo daquele movimento sem fim sem confim que é Deus [se a natureza de Deus da qual eu provenho totalmente é a caridade] [...], tudo aquilo nascesse deste mar de dom e de comoção [...] teria o mesmo método, teria a mesma vibração, teria a mesma movimentação, teria a mesma dinâmica, teria a mesma lei: seria caridade».

Como é que podemos perceber que Deus é este mar de comoção? Olhemos para nós quando nos comovemos, quando a comoção domina cada fibra do nosso ser e pensem: Deus é isto “mas à grande”. Para nós isto é simplesmente um reflexo daquele mar de comoção que é Deus, tanto é verdade que quando o vemos no outro, quando vemos esta comoção no outro, dizemos: «Mas o que é que te aconteceu?»; nós vemos que aquele ser que temos diante participa do mesmo mar de comoção que o está a gerar agora, e surge-te a vontade e o desejo de te comoveres assim, de participar desta comoção, como me dizia um: «Eu quero olhar assim, eu quero comover-me assim». Que Deus seja caridade, que Deus seja este mar de comoção, que seja a origem do meu ser, quer dizer que Deus quer dividir connosco esta comoção: E tudo aquilo que nasce d’Ele tem a mesma vibração. Assim, podemos voltar à palavra imitar e dizer: «Imitar Deus é isto», não é qualquer coisa que está fora de mim, não, Deus é mais eu que eu próprio. Posso imitar apenas se participo desta vibração: por isso, se nós destacamos esta segunda parte da anterior, começamos os problemas como me testemunharam (cito um e-mail): «Também nós devemos amar-nos uns aos outros; a moral é imitar Deus nisto, seguir Jesus e imitar o Pai». Explica-me um pouco como é que faço para amar os meus pais! Para mim é impossível, quando percebo por parte de uma mãe que lhe causo repulsa e que me repete isto

uma série de vezes, e quando um pai já não toma mais a minha defesa, mas apenas a da minha mãe, quando uma mãe já não ouve mais a sua filha e o pai finge ouvi-la, mas depois faz como lhe apetece (poderia dar-te um milhar de exemplos como estes)». Bem: pode parecer impossível fazê-lo, mas nem uma pessoa assim pode evitar de participar desta comoção do Ser pelo qual é livre, não obstante a mãe dizer--lhe que lhe provoca repulsa, porque aquela vibração do Ser é mais forte do que aquilo que diz a mãe. É isto que Jesus introduziu na vida, para te libertar de qualquer olhar que te reduz à repulsa que causamos. Por isto convém-nos.

*Analisando este capítulo, a partir daquela frase de São João: «Se Deus nos amou, também nós devemos amar-nos uns aos outros», o primeiro embate para mim foi que, se eu sou leal, como por momentos fui diante daquele texto, digo «Eu sou feito para ser investido daquele mar de comoção e para investir a realidade e o outro desta forma», e depois surge aquela perguntinha: «Mas será possível?»; de facto eu digo que sim, não porque tenha pensado nisso ou percebido isso, mas porque o vi, vi-o e vejo-o. E aqui conto dois factos breves em como o vi ultimamente no sítio onde pensamos impossível: a prisão de alta segurança. Faz dois Sábados, fomos passar lá um dia com alguns amigos. O primeiro facto é este: Em todas as prisões não existe o almoçar juntos ao meio dia, não existe cantina, almoça-se na cela dois a dois, não apenas por questões de segurança, mas porque os presos jamais almoçariam juntos, os primeiros a recusarem-se são eles próprios, porque dentro da prisão existem “regras, a segunda, pela pena ou pela condenação que têm, não existe amizade, normalmente nem se dirigem a palavra. Eu almocei, juntamente com alguns amigos, com sessenta presos, que me contaram que aquela é, desde há alguns meses, a forma normal, desde que os presos começaram a trabalhar dentro da prisão, graças à Cooperativa Giotto que lhes dá trabalho. Eu, olhando, dizia: «Estes encontraram aquele olhar comovido de que se fala no texto, através de detidos convertidos, através dos amigos que entram na prisão para os pôr a trabalhar», e vejo que começavam a olhar-se definidos por aquele olhar que recebiam, por aquele olhar de comoção que só Cristo, quando te abraça, gera; e começaram olhar-se entre eles dizendo: «olá! Como é que te chamas? Comemos juntos?». Só assim já se percebe, mas para quem frequenta as prisões, é uma coisa do outro mundo e é impressionante! O outro facto é que alguns destes presos ultimamente se têm convertido, pediram os sacramentos, em particular 2 pediram o baptismo. Leio-vos a carta que um dos dois, um chinês, escreveu aos seus amigos presos, porque esta carta me comoveu: «Caríssimos amigos, vi que esta estrada que me prepara para o baptismo é a escolha maior que alguma vez fiz na vida. Desde aquele momento a minha vida encontrou um sentido e acho que nesta estrada será sempre mais certa. Desde que a sigo dou-me conta de como me está a mudar o carácter. Por exemplo, uma vez estava muito nervoso e protestava imediatamente quando alguma coisa não corria bem ou me chateava e agora, pelo contrário, encontro-me muito calmo e sereno diante das coisas que acontecem porque na minha mente Jesus corrige-me e mostra-me como devo viver e para onde devo ir. Estou a ler e gostei muito do evangelho de Marcos, que escreveu a história de Jesus, e impressionou-me muito aquilo que Jesus faz, como trata as coisas e as pessoas. E assim dou por mim a “copiar” o que Jesus fazia para superar as dificuldades e para enfrentar as coisas. Eu não posso fazer milagres porque os faz só Ele, mas vejo que Ele os está a fazer por mim e por vocês. Agradeço a Deus que me dá uma segunda vida, porque, por aquilo que fiz, eu devia ter sido recambiado para a China e ali arriscava a pena de morte. Mas Jesus salvou-me fazendo-me permanecer aqui. Como nome cristão escolhi o nome André porque é um dos dois primeiros que encontraram Jesus e o seguiram. Quero saudar a todos e garanto-vos que rezo por vocês para que possam superar todas as dificuldades e sair da prisão o quanto antes. E estou certo que o Senhor me escuta porque sou o único chinês que reza.»*

Para quem me pergunta se é possível, esta é a resposta, cada um pode identificar-se com este chinês que está numa prisão. Depois de tudo o que fez, nada o pode impedir de ser investido por uma coisa assim, que lhe permite ler o Evangelho como nem sequer nós o lemos, tantas vezes. Mas qual de vocês, ao ler o Evangelho, se espantou pela maneira como Jesus trata as coisas e as pessoas? Porque é que ele se espanta? Porque pela experiência que está a fazer

pode reconhecer aquilo de que faz experiência e então dá-se conta que ali, no Evangelho está esta modalidade nova de tratar todos, pela mudança que aconteceu nele.

*Para contar a experiência que fiz queria ler rapidamente um passo da tua intervenção na Página Um de Março, a síntese da Assembleia de responsáveis de Itália, em Riva del Garda: «"A grande questão é não mudar de método." O que é que significa não mudar de método? «Ir atrás daquilo que acontece», seguir a graça que acontece, que é para ti e é para mim. Toda a questão do percurso destes anos está aqui – se nos deixámos arrastar por aquilo que acontecia». Conto um episódio que descreve isto de forma flagrante. Fui ter a casa de um senhor que estava sem trabalho, uma amiga que vai à escola do filho deste senhor perguntou-me se podíamos ir ter com ele para ajudá-lo a encontrar um trabalho. Era uma família muito desgraçada, ele tem três filhos, perdeu a mulher quando as crianças eram pequenas e como não conseguia manter um dos filhos, mandou-o para o orfanato. Agora os miúdos são crescidos, o mais novo aos 14 anos voltou para casa, agora tem 16 e a situação é dramática porque ele está em casa sem trabalho há 2 anos. Entrei nesta casa pobre e ele começa a contar-me todas as peripécias que está a viver, e eu ali a tentar ajudá-lo e depois comovo-me por ele e percebo que não o ajudo sequer arranjando-lhe um trabalho porque o seu coração é mais, mendiga mais, tanto que desloquei o centro da atenção e com ele disse: «Amigo, nós temos de começar a trabalhar, para além do que é retribuído ou não, vamos começar a trabalhar, a levantar-nos de manhã: é possível viver!». Ali aconteceu o milagre da Sua presença, o rosto transfigurado do Anjo: entrámos como se fosse loiro e quando saímos era negro e de cabelo encaracolado, inacreditável, uma outra pessoa, um outro! Sai radiante e diz-me: «Percebi» dez vezes e acrescenta «Percebi, percebi», pergunto-lhe: «O que é que percebeste?», «percebi que és forte», «Forte o quê? Forte é Aquele que se manifestou aqui agora», tanto assim que lhe disse: «Eu daqui a duas semanas volto a vir ter aqui contigo, quero vir ter contigo outra vez». Mas porquê? Porque tenho necessidade de surpreender aquela comoção, aquilo que se manifestou ali; e a amiga que veio também ali para nos apresentar disse: «e eu também posso voltar?» E acabo com uma coisa que tu disseste na vez passada: «A primeira coisa que aconteceu aos discípulos não foi serem caridosos com os outros, a primeira coisa que lhes aconteceu foi terem sido fascinados por Cristo, o primeiro objecto do amor deles, da caridade deles, foi Cristo e dali nasceu tudo o resto». Isto é aquilo que me está a acontecer a mim.*

Agradeço-te porque esta chamada de atenção sobre o método, que poderão encontrar na "Página Um", é a modalidade com a qual Ele hoje nos comunica o ser. Como nos comunica o ser? Como é que aquele senhor que estava desempregado pôde mudar ao ponto de se tornar radiante? Através do acontecimento, um acontecimento que acontece diante dos nossos olhos: não apenas o acontecimento da minha geração (de quando eu nasci), não é apenas o acontecimento de ser gerado agora, mas é este "mais", porque o acontecimento cristão introduz este mais de ser, este mais de vibração.. E como faz? Fazendo-o acontecer; por isso, a verdadeira questão é se nós nos deixamos transformar por força daquilo que acontece. Podemos imitar Deus se nos deixamos gerar pelo acontecimento que Ele faz acontecer em nós, que a partir de um particular nos alcança a todos. "Que quer dizer para nós, nascidos de Deus [...], que quer dizer que também nós devemos amar-nos uns aos outros? Se a caridade é descrita como dom de si [atenção a esta expressão] debaixo da pressão de uma comoção, dom de si cheio de comoção, assim deve ser para nós também". Que quer dizer "dom de si debaixo da pressão de uma comoção"? Experimentem pensar quando vocês se encontram realmente comovidos e começam a relacionar-se com os outros; o que é que acontece? Entramos no real mudados, de tal modo que nos perguntam: "que te aconteceu?". E porque é que nos perguntam? Porque esta relação é tão gratuita, tão livre, tão diferente da modalidade normal com que nos relacionamos uns com os outros que comunica a própria vibração do ser: debaixo da pressão desta comoção. Imaginem, depois de nos ter acontecido realmente alguma coisa, como nos relacionamos com tudo: o imaginem a coisa de que todos vocês têm experiência, quando uma pessoa está apaixonada, totalmente investido por esse

acontecimento, comovido, e relaciona-se com tudo, até com o dia-a-dia, com uma modalidade totalmente diferente, totalmente nova. A caridade é este dom de si, este trabalho, esta relação com os outros, esta relação com o real, debaixo da pressão desta comoção. E então percebe-se o que andamos a dizer há já algum tempo, percebe-se a relação que existe entre o humano e a comoção; não deixar de fora o humano é a condição da comoção, porque as pedras não se comovem. O problema é que eu não sou uma pedra e posso ser transformado por esta comoção; e então uma pessoa percebe que deixar ferir o próprio humano por este dom, deixar-se comover pelo amor de Cristo, por este olhar, pelo Seu dom de si, é aquilo que permite imitar Deus, amar os outros com esta novidade debaixo da pressão desta comoção; uma outra coisa! Isto, sim, é imitar Deus – isto está tudo descrito na Escola de Comunidade, não acrescentei nada -, e agora a lei do eu é este amar porque “o dinamismo próprio do eu, que é, portanto, directamente derivado pelo dinamismo de Deus, é amar, ou seja, dar-se a si mesmo ao outro, comovido”. Não como um moralismo, seria impossível uma pessoa dar-se deste modo, ninguém pode arrancar de si este dar-se ao outro assim tão comovidamente; é só se aceitamos ser transformados por aquilo que acontece, por este acontecimento através do qual o Mistério agora, Cristo presente agora, comunica à raiz do nosso ser esta vibração, que agora eu não sou determinado por alguém que olha com nojo, mas sou mais determinado por aquela vibração que me faz livre, Sem a experiência de Cristo seríamos determinados como todos (“Não me olha”, Trata-me mal”), é esta origem diferente que não depende da contrapartida, que não depende daquilo que o outro me pode dizer nem da atitude que tem em relação a mim, que pode tornar possível amar como Deus, que faz o sol brilhar sobre bons e maus todos os dias. Mas isto não é um propósito que possamos fazer, a verdadeira decisão não é esta decisão de imitar a Deus. A verdadeira decisão é deixar-nos transformar por aquilo que acontece, deixar-nos gerar pela mesma vibração, inefável e total.

Para terminar, leio-vos o editorial da *Tracce* de Abril sobre a carta do Papa, porque esta carta que o Papa escreveu diante de um facto tão feito como o abuso de crianças é um testemunho da “comoção” de que fala a Escola de comunidade, que nos permite olhar para tudo sem pôr “paninhos quentes”, até ao ponto de emitir um juízo. Como todos os jornais estão cheios de um olhar diferente, nós não podemos fazer esta Escola de comunidade sem falar e sem olhar para este facto de outro modo, ajudados por este testemunho do Papa, porque o que nos ocorre perguntar é: “de onde nasce este olhar?”.

*Editorial da Tracce de Abril.*

*Haveria muito o que discutir a respeito do que levou Bento XVI a escrever a Carta aos católicos da Irlanda. Poderíamos fazê-lo partindo dos fatos, dos números e dos dados que – lidos correctamente – falam de uma realidade muito menos imponente do que dá a entender a feroz campanha encetada pelos media; ou das contradições dos que, nos mesmos jornais, acusam com razão – certas coisas ignóbeis, mas algumas páginas depois justificam tudo e todos, sobretudo em matéria de sexo. Seria possível, e talvez isso ajudasse a entender melhor o contexto de uma Igreja sob ataque, independentemente dos seus erros. Só que o gesto humilde e corajoso do Papa levou a coisa para outros patamares, para o centro da questão. Claro, a ferida existe. E é gravíssima. Do tipo da que levou Cristo a dizer aquelas palavras de fogo: “Quem escandalizar um só destes pequeninos que crêem em mim, seria melhor que lhe pendurassem no pescoço uma pedra e o precipitassem no abismo...”. Há coisas feias na Igreja. Isso foi reconhecido, de modo claro e forte, pelo próprio Joseph Ratzinger na Via Sacra há cinco anos atrás, pouco antes de se tornar Papa, e que nunca parou de lembrar depois, com realismo. Há o pecado, e até daqueles mesmo graves. Há o mal e o abismo de dor trazido pelo pecado. E há também a exigência de se fazer todo o possível – até com dureza – para travar esse mal e reparar essa dor. O Papa está fazendo, como prova eloquentemente a sua Carta, ao lembrar que os culpados terão de responder “diante do Deus onnipotente, como também perante os tribunais” humanos.*

*Mas justamente por essas razões o verdadeiro centro da questão, o focus esquecido, está em outro lugar. A par de todos os limites e dentro da humanidade ferida da Igreja há ou não há algo maior do que o pecado? Radicalmente maior que o pecado? Há algo que pode romper a medida inexorável do nosso mal? Algo que, como escreve o Pontífice, “temo poder de perdoar até o mais grave pecado e de tirar o bem inclusive do mais terrível dos males?”.*

*Esse é o ponto: “Deus teve compaixão do nosso nada”, lembrava don Giussani numa frase usada por CL no cartaz de Páscoa: “Não só: Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa rude pobreza, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. É uma compaixão, uma piedade, uma paixão. Teve piedade de mim”. É isso que a Igreja traz ao mundo, não certamente por mérito, bravura ou coerência dos seus membros: a compaixão de Deus é pela nossa mesquinhez. Algo muito maior do que os nossos limites. A única coisa infinitamente maior do que nossos limites. Se não partirmos daí, não compreenderemos nada. Tudo fica incompreensível, literalmente. Costumamos nos esquivar dessa compaixão, tentar escapar dela. Às vezes é dentro da própria Igreja que se reduz a fé a uma ética, e amoralidade a um impossível recurso solitário às leis, parecendo até que sentir necessidade desse abraço seja uma coisa de que deveríamos nos envergonhar. Mas se nos esquecermos de Cristo, se descartarmos totalmente a medida diferente que Ele introduz no mundo agora, através da Igreja, não teremos mais os termos necessários para entendermos e julgarmos a própria Igreja. Então fica fácil confundir a atenção às vítimas e à sua história com silêncio conivente, e a prudência em relação aos culpados (verdadeiros ou presumidos) – acusados, talvez, por vezes que só se levantaram décadas depois – com a vontade de criar “cortina de fumo” (o que, às vezes, evidentemente, ocorreu mesmo). Torna-se quase inevitável falar mal do celibato, sem mencionar sequer o valor real da virgindade. E torna-se impossível entender por que a Igreja pode ser dura e, ao mesmo tempo, materna com os seus sacerdotes que erram. Pode puni-los com severidade e exigir que paguem a pena e reparem o mal feito (é o que ela vem fazendo, não de hoje, pois sempre o fez), mas sem romper – quando possível – o elo de ligação, por ser a única coisa que poderá redimi-los. Pode pedir aos seus filhos “sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai”, não para exigir deles algo impossível, mas para despertar neles a tensão a viver a misericórdia com que Deus nos abraça (“sede misericordiosos como é misericordioso o Pai que está nos céus”). É justamente por isso que a Igreja pode educar. Que, no fundo, é a verdadeira questão posta em discussão pelos que estão acusando (“vejam como até os padres cometem erros e erros feios! Como podemos confiar a eles as nossas crianças?”), como se o título de mestra da Igreja dependesse da coerência dos seus filhos, e não d’Ele. De Cristo. Da Presença que – em meio a todos os erros e horrores cometidos – torna possível no mundo um abraço como aquele do Filho pródigo retratado por Chagall no mesmo cartaz de Páscoa. Ali, junto com a frase de Giussani, há uma outra, de Bento XVI: “No fundo, converter-se a Cristo significa precisamente isto: sair da ilusão da auto-suficiência para descobrir e aceitar a própria indigência, a exigência do seu perdão e da sua amizade”. É isso: o abraço de Cristo, dentro da nossa humanidade ferida e indigente e para além do mal que podemos cometer. Se a Igreja – com todos os seus limites – não pudesse oferecer isso ao mundo, inclusive às vítimas dessas barbaridades, então sim estaríamos perdidos. Porque o mal continuaria a existir, mas aí seria impossível vencê-lo.*

Está disponível no site para lê-lo em casa e para difundi-lo neste momento em que se propaga uma mentalidade que deixa todos esquecidos, porque não se pode confundir o reconhecimento do mal (ou seja, que o mal faz verdadeiramente mal) e o facto que nós só podemos vencê-lo se nos abirmos a qualquer coisa de Outro - esta vibração, esta caridade que o Mistério nos testemunha.

Agradeço a todos os que, aqui presentes ou ligados em vídeo conferência, participaram com tanta atenção no encontro sobre educação com o cardeal Bagnasco (que foi um gesto feito em conjunto com a diocese de Milão, com a presença do bispo auxiliar em representação do

cardeal Tettamanzi), e por terem demonstrado como temos levado verdadeiramente a sério a questão da educação, tal como nos ensinou don Giussani.

- *Veni Sancte Spiritus*

*(Tradução não revista pelos intervenientes)*